

VII Seminário FESPSP - “Na encruzilhada da democracia: Instituições e Informação em tempos de mudança”.

24 a 28 de setembro de 2018

GT 06 Educação, Literatura e Sociedade:

A LITERATURA NO ENTRELAÇO SOCIAL: AS NARRATIVAS ORAIS NA SALA DE AULA.

Lara Debora Barboza Vitalis¹

UAM/SP

RESUMO: As narrativas orais constituem um campo de estudo bastante fértil devido a sua aplicabilidade nos espaços educacionais. O objetivo deste trabalho é ampliar a visão sobre o papel da literatura oral na sala de aula, elaborando uma análise para além dos aspectos estruturais, trazendo à tona e fortalecendo a sua função social. Retomei a ideia de alguns autores para embasar a discussão e facilitar a entrada neste universo de histórias que está muito além de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: literatura; sociedade; narrativas orais; educação;

1. INTRODUÇÃO

A utilização da literatura escrita e oral na sala de aula está cada vez mais distante ou foram engessadas em práticas pedagógicas. Mas, então, como utilizar as narrativas orais na sala de aula para além das estruturas da língua e do texto? A literatura oral apresenta aos seus receptores e ouvintes uma função social ou é mera ferramenta de entretenimento nas instituições escolares? Com base nestes questionamentos proponho ampliarmos o olhar sobre o papel da literatura oral na sala de aula, elucidando o leitor sobre a sua função social.

¹ Acadêmica em Psicopedagogia no programa de pós-graduação lato sensu da UAM/SP. Graduada em História e Pedagogia pela UNICID/SP.
E-mail: laravitalis@gmail.com

É importante contar histórias nas instituições escolares, pois através da imaginação, do exemplo pela analogia e metáfora, os sujeitos envolvidos se percebem dentro do processo sócio-histórico, tornando-se agentes ativos na construção da aprendizagem.

O método de pesquisa empregado no trabalho, tenta elucidar e até mesmo explicar, a partir de questionamentos, análise e reflexão da problemática envolvendo o uso das narrativas orais na sala de aula, qual é a sua função social. Dentro do debate com a literatura científica da área da arte, da filosofia, da sociologia e da história busquei trazer para o público a importância de utilizarmos a literatura oral nos espaços educativos para instigarmos os sujeitos na tomada de consciência social, viabilizando a percepção da construção da aprendizagem.

O que busco aqui é demonstrar através da análise e síntese qual é o papel da literatura oral na sala de aula. Quero também elucidar o leitor quanto a função social das narrativas orais, debater sobre os aspectos formativos e evidenciar a sua aplicabilidade como ferramenta de conscientização da própria realidade do sujeito.

Ao contarmos histórias, narrador e ouvinte, se põem frente as adversidades do mundo e da vida com a possibilidade pura e sensível de modificar a sua realidade existencial.

É por certo que a literatura apresenta funções sociais que sofrem ataques e deterioração por conta de práticas pedagógicas sistematizadas e sistematizantes, que condicionam os seres a enxergarem a sua vida numa metáfora da roda gigante, cheia de altos e baixos, mas sem a possibilidade real de mudança já que não controlam a roda, apenas seguem o seu movimento. Deste modo, os sujeitos são levados a acreditarem que são meros figurantes no cenário do mundo e não protagonistas da história.

Através da literatura oral os homens vão tecendo o seu caminho de autoconhecimento, de aprendizados e de vida, construindo seu imaginário, perpetuando uma memória social e coletiva.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 As narrativas orais

Para adentrarmos no tema e compreendermos melhor a proposta deste artigo, primeiramente, se faz necessário apresentar o conceito de narrativa oral abordado aqui. De acordo com Machado (2015) a arte de narrar histórias oralmente é a própria arte da palavra e da escuta. É a arte da palavra oral, como ela mesma salienta. Para que esta arte seja apreciada necessita-se de um narrador, que fará um elo entre a palavra e o mundo.

O narrador é aquele que conta uma história. É aquele que comunica e torna comum aos seus ouvintes e público as suas experiências, desejos e anseios. Benjamin (1987) diz que a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a qual todos os narradores recorrem. Machado (2015) chama “*histórias de boca*” essas histórias que passam de geração para geração, que permeiam o imaginário social e não se consegue determinar com certeza sua autoria e, muitas vezes, nem mesmo seu local de origem e data de criação.

A literatura oral é a própria persistência da tradição da oralidade linguística. É a língua em dança, em contos, em lendas, em mitos, em histórias. A literatura oral é mantida e movimentada pela tradição, que por vez é mantida e movimentada pelas narrativas. (CASCUDO, 2012)

A sabedoria dos contadores de histórias, o imaginário criado em torno dessa figura, também ajudam a dar vida e sentido ao processo narrativo. A tradição é vista aqui não como algo ruim, datado e sem ligação com o presente, com a sociedade atual. Mas, sim, é a experiência popular a serviço da sociedade. A literatura oral é marcada por um senso de utilidade. Benjamin (1987) salienta o caráter utilitário presente na sua natureza e que a sua utilidade está num ensinamento moral, numa sugestão prática, num provérbio ou norma de vida. Conselhos tecidos na substância viva que é a vida, é a sabedoria. Para tal, o narrador não faz uso apenas da sua experiência, mas daquelas da qual é também, espectador, retirando o aspecto individual da experiência, dando-lhe o tom da coletividade. Walter Benjamin (1987, p. 221) elucida bem tal ideia ao dizer:

[...] o narrador figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe

por ouvir dizer.) O seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é poder contá-la inteira.

Assim, o narrador narra a existência humana e o ouvinte bebe nesta fonte. O ouvinte tem papel fundador e fundamental. Sim, você não leu errado! Quando digo “fundador” e “fundamental”, quero dizer que sem ele não existiria os contadores de histórias e nem os processos narrativos orais, não existiria nem mesmo a literatura escrita, pois anterior a escrita é a palavra. Heidegger (2013, p.7) exemplifica: “Falamos porque falar nos é natural.” Sendo assim, sem a fala, não existiriam nem as *histórias de boca*. E, Benjamin (1987, p. 198) rememora: “[...] E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Sem o ouvinte, a função social do narrador que é narrar e tornar comum a todos as experiências de vida, não existiria. Para Machado (2015) o narrador faz uso da arte da palavra e da escuta transformando pensamentos, percepções, perguntas, intuições e afetos em comunicação.

A literatura oral, as danças populares, os contos, as lendas, e tantas outras manifestações populares que se apagaram nas memórias coletivas e tantas outras que resistem nesta memória, são retratos da cultura de um povo, de um imaginário social. (CASCUDO, 2012)

Ao narrar uma história, cria-se, a possibilidade de compartilhar com o outro a manifestação pura e singela do seu universo particular. As narrativas orais promovem, por meio de analogias e metáforas, a criação de vínculos e a transmissão de afetos. Através delas enxergamos a possibilidade de encontrar outros tantos mundos e universos. A palavra, a fala e a linguagem são a expressão do espírito do homem e promovem o encontro entre as pessoas, pois tocam as suas almas com experiências e vivências. Assim, Bakhtin (1987, p.14) salienta:

[...] quando duas pessoas criam vínculos de amizade, a distância que as separa diminui (estão em “pé de igualdade”) e as formas de comunicação verbal mudam completamente: tratam-se por tu, empregam diminutivos, às vezes mesmo apelidos, usam epítetos injuriosos que adquirem um tom afetuoso;

Mais importante do que a palavra dita são as palavras bem colocadas. Mais importante que as palavras são os vínculos de afeto e as representações do real, que encorajam e incitam a formação do homem.

2.2 Literatura e formação humana

A literatura é um expoente pulsional formador do vir a ser humano como salienta (Candido, 1999) e colabora na manutenção da memória social. De acordo com Nora (1993), os lugares de memória são os espaços coletivos, as comemorações, as vestimentas, a linguagem, os museus. Nora (1993, p.13) exprime: “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhas de outra era, das ilusões de eternidade”.

O contato com a literatura oral ensina o homem a se expressar e a se comunicar, a se conhecer e conhecer o outro e o mundo. No contato com imagens internas e externas ele vai construindo a sua vida e tecendo seus aprendizados.

Candido (1999) evoca a força humanizadora que tem a literatura ao dizer que ela retrata e revela o homem e depois atua na sua formação. É necessário ao homem narrar, fabular, fantasiar e imaginar, pois ele necessita viver e viver já lhe é uma grande experiência formativa e narrativa. Se o homem faz o seu mundo pela sua própria consciência, como diz Lukács (1965), logo, os processos narrativos, tanto orais, quanto escritos, o auxiliam nesse processo de conscientização da própria existência e dos diversos papéis sociais que desempenha no seu cotidiano.

Vejamos abaixo o que Lukács (1965, p. 16) diz a esse respeito:

Uma tese fundamental do materialismo dialético sustenta que qualquer tomada de consciência do mundo exterior não é outra coisa senão o reflexo da realidade, que existe independentemente da consciência nas ideias, representações, sensações, etc., dos homens.

Trago Lukács, para elucidar que as narrativas orais são representações da realidade humana e por isso mesmo, por representarem os conflitos e experiências dos homens, atuam na sua formação e emancipação.

A literatura é um retrato da sociedade, mas é, também, um produto social. A literatura oral é oriunda das manifestações humanas. As histórias surgem no interior da sociedade e, circulam e circundam em torno dela. Candido (2006) aponta que a literatura demonstra também os diferentes tipos relações do homem com o meio e, os fatos estruturais da vida cotidiana. A estrutura à qual se remete é a própria estrutura da sociedade e os fatos são os próprios fatos sociais.

As histórias narradas por um contador criam um campo de contato e diálogo direto com o público. Diferente das obras escritas, onde este campo é indireto e no qual o contato com o autor pode não se configurar no mesmo tempo e espaço no qual a obra é consumida. Aqui percebemos uma dicotomia entre observar e participar do processo de criação.

Na narração de histórias o processo de criação e formação é dinâmico, tanto o narrador, quanto o ouvinte, sofrem influência e se transformam no decorrer do ato. Assim, fica claro, que o papel formativo da narrativa oral se configura na necessidade do homem de transitar compreensivelmente pelo mundo, como sugere Machado (2015, p.45):

Cansado do ilusório apelo da “realidade”, o homem se pergunta hoje como significar sua relação com um mundo de padrões, regras e tarefas que sinalizam a estrada com placas onde se lê “certo – vá por aqui”, ou então errado – perigo, abismo”, ou ainda “recompensa – você seguiu a placa certa” e “castigo – você se aventurou pela via proibida”.

Estas determinações e orientações acabam por “podar” a criatividade e a curiosidade. A beleza da literatura como mola propulsora da formação humana está exatamente nos caminhos incertos, nas descobertas, nas paixões, nas incertezas da vida, nos sentidos que estão além das aparências. (Machado, 2015)

Contar e ouvir histórias é abrir o seu universo particular ao mundo. É perceber, ao ler ou escutar, que existe uma variedade cultural e, também, uma variedade de experiências e vivências que configuram a vida em sociedade, que nos permitem organizar a nossa paisagem interna para transformar a paisagem externa, para então construir e reconstruir seu caminho de aprendizagens com sentido e significado.

Cascudo (2012) denomina a literatura oral como uma literatura clandestina, pois ela provoca no sujeito a vontade de reagir e colaborar com o seu processo formativo, incitando o raciocínio e lhe devolvendo seu caráter ativo e participativo.

Nas escolas, o que vemos, é a literatura sendo utilizada de forma engessada e mecanizada. Explora-se as normas cultas da língua, as estruturas linguísticas e a ortografia, em detrimento daquilo que o sujeito já trás consigo: a experiência narrativa. Estuda-se a estrutura de uma obra literária de forma estática, quando na verdade é, de fato, tomada por um dinamismo, por movimento. A língua e a literatura são movimento, é vida. Logo, seu produto, as histórias, também o são. Atentemos para o que Candido (1999, p.84) diz sobre a função educativa da literatura:

A literatura pode *formar*, mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, - o Verdadeiro, o Bom e o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida.

Percebe-se que a literatura presente nos currículos escolares está a serviço de um determinado sistema ideológico e político, como vimos explicitado acima na fala do Antônio Candido. Professores e gestores temem e negam toda riqueza presente nos textos e sucumbem ao ato subordinado de expulsar toda a fonte de perversão e subversão, acomodando-as em práticas pedagógicas que ditam regras e normas de vida e que pouco ou nada dizem a respeito da vida prática, do cotidiano, que não valorizam as experiências dos homens.

É inegável que a literatura irá despertar interesse por seus elementos estruturais, mas acima disto ela questiona valores, relata experiências, apresenta diferentes culturas, logo é uma força humanizadora. A literatura oral rememora exatamente as experiências humanas.

Fica claro no que lhes foi apresentado até aqui que a literatura tem força para confirmar a humanidade dos homens, ao mesmo tempo que auxilia na sua formação e toca a sua alma. Tal força é a própria a vida. E na fala de Candido (1999, p.85): “Humaniza..., porque faz viver”.

2.3 Literatura, protagonismo e função social

Início com uma citação de Machado (2015, p. 35) que elucidará o que discutiremos a seguir:

Os protagonistas somos nós, é nossa própria história que nos contamos enquanto vivemos o relato exemplar. Enquanto estamos dentro do conto, experimentamos a certeza de que valores humanos fundamentais como a dignidade, a beleza, o amor e a possibilidade simbólica de nos tornarmos reis permanecem vivos em algum lugar dentro de nós.

Pela experiência da narração de histórias as pessoas podem ser protagonistas e não meras figurantes no cenário do mundo. Ou seja, ao se identificar com as histórias narradas os sujeitos tem a possibilidade de se tornarem protagonistas sociais. (MACHADO, 2015)

Machado (2015) salienta que ao ouvir um conto – adulto ou criança – entramos dentro da história e para cada um esse processo é tão único e singular, que os efeitos na imaginação também serão. Ouvir uma história é experienciar a universalidade do ser humano, ao mesmo tempo que experimentamos a própria existência pessoal. O conto estabelece uma dialética entre sua forma objetiva (narrativa) e a subjetiva (ressonâncias particulares).

Existe uma dicotomia entre observar e participar do processo literário, pois o escritor se põe em frente a vida, a conceitos simbólicos da existência humana, a ritos e mitos. Se interligarmos a isto as narrativas orais, podemos constatar que quem lê uma história pouco participa do processo de criação da mesma. Já quem conta uma história e quem a ouve, interfere na estrutura do texto e nas suas simbologias. Tanto quem conta a história, como quem a ouve, é capaz de representar os mais diversos papéis e personagens, instigados a pegarem a história nas mãos, a tomarem consciência da sua condição humana, para depois intervir e modificar sua própria história. (LUKÁCS, 1965)

As obras literárias e as histórias fazem parte do imaginário social. Os personagens, o enredo, os sentimentos e experiências apresentados, nos levam a refletir sobre os diversos papéis nos quais atuamos diariamente: papel de filho, esposa, marido, tio, avós, e tantos outros, na instituição familiar; e de médico, professor, pedreiro, engenheiro, cidadão, cientista e outros que desempenhamos socialmente. E, nos fazem fantasiar, imaginar e desejar outras culturas, outras vidas. Nos levam a pensar sobre essa teia viva que é a vida.

Heidegger (2003) utiliza a poesia para fazer uma analogia à linguagem, que cabe muito bem dentro da análise fomentada aqui. Heidegger (2003, p.28) diz: “A conversa do pensamento com a poesia busca evocar a *essência* da linguagem para que os mortais aprendam novamente a morar na linguagem”. Podemos transpor tal ideia ao conceito de narrativa oral, já que as histórias contadas através da fala buscam exatamente resgatar a essência da linguagem, para que os ouvintes sintam, rememorem e participem do espetáculo de viver e reviver a linguagem.

Conforme Candido (1999) ao pensarmos a função social de obras literárias, sejam elas escritas ou orais, devemos pensar na função da literatura globalmente, em função de determinada obra e em função do autor; tudo isto é remetido aos receptores, o público que receberá, consumirá e apreciará a obra.

A função da narrativa não é apresentar soluções prontas para os problemas e nem os concretizar fazendo com que crie raízes ao ressoar no interior psíquico do seu ouvinte. Mas, é fornecer subsídios e exemplos para que por meio da experiência da escuta o sujeito aprenda a lidar com os questionamentos e desdobramentos do que lhe é apresentado. O que tentei elucidar é que a narrativa fornece um exemplo da função da imaginação, assim como assinala Machado (2015) ao enfatizar que ela convida o sujeito a transcender o real pelo ato de imaginar. A imaginação não é exclusividade da infância, ao contrário, ela é a capacidade que os sujeitos têm de formar imagens que perpassam a mediocridade da percepção primária da realidade.

Ao se pensar as funções da literatura, devemos ter em mente um conjunto de aspectos a serem analisados. Seriam eles: função, validade e projeção da obra, como aponta Candido (1999). Para ele ao pensarmos estes aspectos levamos em consideração características do panorama histórico e social de quando a obra foi criada, do momento no qual circulou na sociedade e no impacto que causou a circundá-la.

O estreito laço entre a imaginação literária e a realidade concreta do mundo nos fornece uma ideia acerca das funções, visto que os homens têm em si a necessidade de fabular e fantasiar, também contribuí para a formação da personalidade além da aprendizagem de conteúdos escolares e, por último, mas não em detrimento de importância, facilita e instiga o sujeito a conhecer o mundo e o ser.

Uma função das narrativas orais pouco abordada é a perpetuação de uma memória, seja ela histórica, social ou humana; seja ela do passado ou do presente, entretanto sempre será das minorias. Nora (1993, p.15) reforça tal ideia ao apontar:

À medida em que desaparece a memória tradicional, nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história.

E é assim com as histórias orais. Elas foram se perdendo no decorrer da história da humanidade. Os narradores e contadores de histórias foram se perdendo na escassez da língua falada, no escasso ato, pouco visto hoje, de contar uma história de memória. A necessidade que surge desse movimento é a necessidade de se resgatar o “no meu tempo era assim”, “há muito tempo atrás”, e ainda um “naquela época era assim”, frases que nos remota a memória de uma sociedade, de um tempo, de uma história, de um povo.

A materialidade da língua pela via da contação de histórias - a arte da palavra e da escuta como Machado (2015) denomina a arte ancestral da narração de histórias - necessita ser revisitada e revitalizada nos mais diferentes espaços e instituições, a escola é uma delas.

2.4 As narrativas orais na sala de aula

Durante muitos anos a contação de histórias nas escolas era vista apenas como uma forma de entretenimento para as crianças e adolescentes, banalizando seu potencial educativo. Hoje sabemos que o processo de narrar histórias para as crianças favorece a sua formação de maneira global, tanto na personalidade, quanto no cognitivo.

Ao introduzir os educandos neste universo da metáfora, lhes é dada a possibilidade de superar situações conflituosas no âmbito escolar, entretanto e mais do que isso, os alunos passam a refletir sobre seus problemas e sentimentos que se avolumam numa terrível confusão interior e buscar soluções para eles. As histórias também permitem algo fabuloso que é o protagonismo: coloca todos os sujeitos envolvidos no processo narrativo – narrador e ouvinte - como protagonistas da sua própria história, devolvendo-lhes o poder de transformar a própria realidade.

Machado (2015) nos faz o alerta acerca do desafio da nova pedagogia, da pedagogia na atualidade, que é promover a solidariedade das duas formas de aprender: razão e imaginação. Estas não se reduzem uma à outra, tem vieses e objetivos diferentes, mas que podem se complementar dentro do processo de aprendizagem. A função das narrativas orais na sala de aula é a de alimentar as almas sensíveis, tocadas pela poesia das narrativas, possibilitando a educação do poder de representar o mundo pela imaginação, significando suas experiências, aprendizados, vidas e mundos.

A utilização da literatura oral ou escrita como ferramenta de ensino é banalizada pela educação escolar, como bem lembra Machado (2015, p. 240) ao dizer: “ Muitas vezes, a utilização pedagógica desses contos modifica os relatos no sentido da escolarização da linguagem, banalizando e neutralizando seus conteúdos”. Existem conteúdos nos contos que vão além dos estudos estruturais da literatura, como por exemplo, o fato da escola poder auxiliar na manutenção da memória coletiva, da cultura de um povo, como evidencia Cascudo (2012). Ao utilizar a narração de história, a escola se insere no movimento de resistência ao esquecimento, pertencendo sempre ao popular, a sobrevivência de uma história.

Temos de convir que a literatura é uma força coletiva. Assim, sua ocupabilidade e aplicabilidade nos mais diversos espaços, inclusive escolares, fortalecem o espírito de comunidade e coletividade, agindo para uma formação mais humana, ética e cidadã. Candido (2006, p.147) clarifica e ilustra:

A literatura...é coletiva, na medida que requer uma certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem) e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, para chegar a uma “comunicação”.

As obras exprimem a realidade e figuram as relações dos homens entre si e com o meio no qual se inserem, isso em conjunto socializa ideias, valores e seus impulsos mais íntimos, que compartilhados configurarão a experiência coletiva desta ou daquela situação vivida. Isto fornece as crianças, jovens e adultos, uma experiência imaginativa da problemática experimentada através do conto.

Assim, as narrativas orais nos fornecem muitos elementos de estudos, não só de português, matemática, história ou geografia, mas de conhecimentos capazes de

fortalecer a identidade, desenvolver a personalidade, buscar soluções para situações conflituosas, aprender a se relacionar com os demais, compreender sentimentos e pontos de vista sobre os mais diversos assuntos, saber se comunicar. Pela analogia e pela metáfora os indivíduos vivenciam, pela experiência da escuta, a importância da empatia, da resiliência e do respeito.

Ao criar um reino de histórias para os ouvintes ou contar uma história, você permite que os personagens anseiem pelos desejos dos seus corações, encontrando uma nova profundidade e perspectiva na vida. Apreciemos a fala poética de Nancy Mellon (2006): “Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar a sua vida”.

A literatura como forma de expressão é também forma de conhecimento. As histórias, lendas e mitos podem encontrar lugar e espaço na sala de aula, além da função atrelada a práticas pedagógicas. Ela tem esse caráter perturbador das conjunturas internas enraizadas socialmente, que nos perturbam e nos fazem crescer e se desenvolver enquanto seres humanos.

No ato de narrar é apresentando ao seu público as raízes de um povo e as mais diversas fases de desenvolvimento econômico e técnico no qual se encontram.

O que de fato, lhes é apresentado, é o acervo de patrimônio da humanidade, que foi sendo coletado, acumulado, mantido e revivido historicamente.

Segundo Heidegger (2003) na experiência com a linguagem deixamos-nos ser tocados pela reivindicação pela linguagem. Quase como num manifesto pelo seu retorno, pelo seu uso, pela harmonização com ela na nossa intimidade. A linguagem tem esse poder de transformar o homem da noite para o dia por meio das experiências. É nesse jogo de atenção com a linguagem que nós nos mantemos atentos ao seu uso e importância. Por isso, Heidegger (2003), enfatiza que o caminho de experiência com a linguagem já existe há muito tempo. Podemos dizer que a narração de histórias é um caminho possível de experiência com a linguagem. Os homens já conhecem essa estrada, mas ela perdeu o seu vigor e entusiasmo.

Pelo meio das narrativas encontramos a linguagem. Pela linguagem o homem se encontra novamente com a sua essência. Neste processo a educação pode auxiliar as pessoas a se reconectarem consigo mesmas e com os outros sujeitos através da experiência com a fala.

Adorno (2010) questiona os caminhos e a função da educação na contemporaneidade. Volto-me a ele exatamente para pensar tal questão. Adorno

(2010, p. 150) frisa: “Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida...a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação”. Fica bastante claro que as práticas pedagógicas engessadas pelo peso das políticas públicas, documentos escolares oficiais e o próprio currículo sufocam as experiências vivenciadas pelo uso da língua, das histórias, da imaginação; e acarretam num déficit de tomada de consciência reduzindo a força emancipatória que é subjetiva e interior a cada um.

Adorno (2010) salienta que o que vemos na educação são processos exteriorizados aos sujeitos. Os processos internos, que partem de questionamentos, reflexões e desejos, são substituídos por currículos reacionários, tradicionais e retrógrados. Deste modo, dificulta-se os processos de emancipação humana que dependem justamente de espíritos aventureiros, questionadores, criativos, imaginativos, curiosos e reflexivos.

Volto a enfatizar a relevância da escola vivenciar a língua. Flusser (2003) destaca que não pode haver real compreensão do grupo sem a real compreensão da língua. E adentro mais neste campo. Não pode haver real compreensão de si, sem compreender o sistema linguístico ao qual pertence, cheio de símbolos e simbologias a serem decodificadas. A língua pode unificar um grupo. A língua articula as camadas mais profundas do inconsciente individual e coletivo. É a expressão plena do homem e do seu grupo.

Machado (2015, p. 20) mostra uma luz no fim do túnel:

[...] em contato com a arte da palavra e da escuta, as crianças possam em primeiro lugar aprender a escutar a si mesmas, para poder escutar aos outros e ao mundo. E então se experimentar equilibristas entre o céu e a terra, meninos e meninas criando coragem para entrar e pular por dentro do susto da corda em movimento, laçando o cavalo bravo da indisciplina e das ideias desordenadas, amarrando lençóis de palavras coloridas que lhes permitam fugir do muno atrás das grades das regras impostas e da solidão, deslizando rio afora como um barco que pode escolher outra vez descansar seguro na margem, quando ele assim quiser.

Precisamos perceber a importância do contato com as narrativas orais. A experiência com as histórias contribuí para que forjamos um arsenal de imagens internas. Ao retornamos para o nosso arsenal de imagens e palavras, poderemos

escolher com consciência os caminhos e rumos, que seguiremos e forjaremos, de vida e aprendizado.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ouvir histórias é instigar o imaginário. Ouvir histórias ainda pode despertar emoções e sentimentos importantes como: medo, raiva, tristeza, irritação, bem-estar, e através das histórias podem-se descobrir outros lugares, outros modos de vida.

Pela experiência da narração de histórias as pessoas podem ser protagonistas e não meras figurantes no cenário do mundo. Ou seja, ao se identificar com as histórias narradas os sujeitos tem a possibilidade de se tornarem protagonistas da vida, tomando a história em suas mãos, construindo, assim, a própria história.

A narração de história possibilita esta imersão no universo da linguagem e da literatura. O ouvinte é tomado pela metáfora mergulhando na sua própria imaginação, deste modo elaborando suas próprias hipóteses acerca do mundo, buscando resoluções para seus problemas emocionais e do cotidiano, além, é claro, de se divertir no processo narrativo.

Pela experiência do contato com a linguagem os sujeitos vivenciam a oportunidade de se reconectarem com a sua essência enquanto indivíduo, e também, enquanto integrante de uma sociedade coletiva. Compreender a língua que utiliza para se comunicar e decodificar símbolos e simbologias, é se compreender enquanto homem emancipado integrante de uma cultura que lhe permite refletir e transformar a realidade social.

REFERÊNCIAS

ADORNO. Theodor W. **Educação e Emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

BAKHTIN, Mikail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Fraçoise Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.

BENJAMIN, Walter. **“O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e ensaios da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. **A Literatura e a Formação do Homem**. Remate de Males. Número Especial. Antonio Candido, 1999 pp.81-90.

_____. **Literatura e Sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CASCUDO. Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2012.

FLUSSER, Vilem. **Fenomenologia do Brasileiro**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **A Caminho da Linguagem**. Rio de Janeiro: Editora Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2003.

LUKÁCS, Georg. **Ensaio Sôbre Literatura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

MACHADO, Regina. **A Arte da Palavra e da Escuta**. 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MELLON, Nancy. **A Arte de Contar Histórias**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, (Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História/Departamento de História, PUCSP), 10:7-28, 1993.